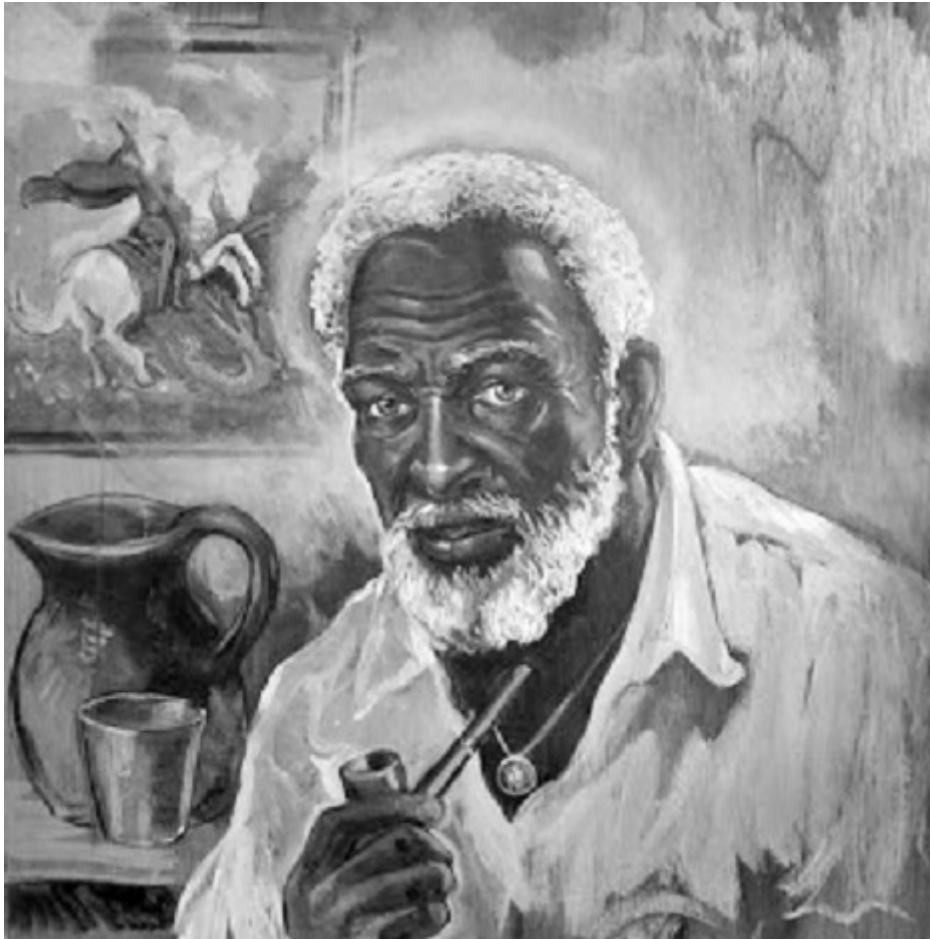


NÚCLEO DE DRAMATURGIA DO OFICENA

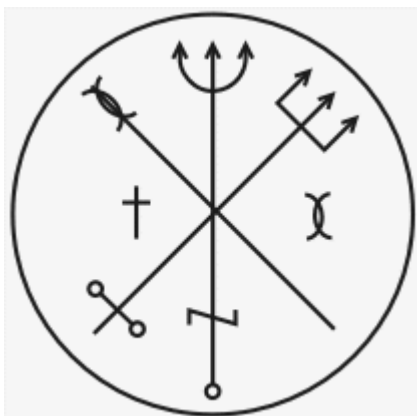
REVELLES GATTI



# O HAMLET DE ARUANDA

CABO FRIO-RJ  
2018

# ÍNDICE



PRÓLOGO — 5

ATO I

Cena I — 6

Cena II — 8

Cena III — 9

Cena IV — 10

ATO II

Cena I — 11

Cena II — 13

Cena III — 14

ATO III

Cena I — 15

Cena II — 16

## **O HAMLET DE ARUANDA**

Autor: Revelles Gatti

Gênero: Tragédia

Sinopse: Um anjo e um demônio debatem suas origens e questionam suas existências.

Cenário: Aruanda, plano espiritual da Umbanda onde coexistem elevadas entidades encarregadas do homem.

## **PERSONAGENS TRÁGICOS**

**MIGUEL ARCANJO**, espírito puro.

**SAMAEL**, demônio.

**PRETO VELHO**, entidade de Aruanda.

**CABOCLO**, guardião de entrada de Aruanda.

## PRÓLOGO

*Entra o coro.*

CORO — Eu vi o velho do rio sentado na pedra fria com o seu rosário rezando Ave Maria! Eu vi o velho do rio sentado na pedra fria com o seu rosário rezando Ave Maria! Que susto tive! Quando avistei aquele velho sábio...

*(Entra Caboclo)*

CABOCLO — Noite escura. Dormem os homens, venta em Aruanda.

*(Resmunga. Puxa uma corda imaginária de um arco inexistente. Apagam-se as luzes antes que solte. Ainda no escuro, sai Caboclo com passos sonoros e respiração profunda. Ainda no escuro, trazem uma cadeira ao palco. Ainda no escuro, Preto Velho senta-se e acende seu cachimbo.)*

## **ATO I**

### **Cena I**

*Aruanda. Entram Samael e Arcanjo Miguel, armados, respectivamente, de tridente e espada.*

*Preto Velho cachimbeia.*

SAMAEL — Pois sabotas minha labuta!

ARCANJO MIGUEL — Não excedo minha incumbência.

SAMAEL — Como se pudesses.

ARCANJO MIGUEL — Que insinuas, adversário?

SAMAEL — Ora, desde a aurora dos dias que se opuseste a meus intentos. Frustra minhas empreitadas, intromete-se em meus tratos com os homens, assuntos que não lhe dizem respeito.

ARCANJO MIGUEL — E assim farei, porquanto a Providência assim decretou.

SAMAEL — É isto que aponto! Por acaso, conhecestes um tempo em que não nos confrontássemos?

ARCANJO MIGUEL — Não houve.

SAMAEL — Entendes?

ARCANJO MIGUEL — Nossa discórdia despontara antes da primeira alvorada. Assim dizem as escrituras! É um acontecimento que precede este mundo. Não há como procurar o lugar que antecede o espaço, bem como a lembrança passada de um tempo antes do Tempo.

SAMAEL (*rindo*) — Engana-te a ti mesmo.

ARCANJO MIGUEL — Que blasfemas, opositor?

SAMAEL — Não necessito. A loucura de um anjo que crê, mas não sabe, molesta por si.

ARCANJO MIGUEL (*empunhando a espada*) — Que haverei eu de saber? Tendo meu desígnio e os meios para realizá-lo, isso me basta.

SAMAEL (*concordando ironicamente*) — E há de bastar... Para que movam-se as peças.

ARCANJO MIGUEL (*avançando*) — Pois me afronta! Vomita tuas heresias!

SAMAEL (*retrocedendo*) — Queres dançar? Convida-me ao baile!

(*Arcanjo Miguel desfere golpes dos quais Samael se esquiva graciosamente*)

ARCANJO MIGUEL (*embainhando a espada*) — Nem a guerra enfrentas como homem.

SAMAEL (*empunhando o tridente*) — Nem à dança te entregas como mortal.

(*Arcanjo Miguel e Samael paralisam gesto e posição*)

## Cena II

*O mesmo. Ao fundo, toques suaves de atabaque.*

PRETO VELHO (*levanta*) — Toque de Atabaque. Almas dançam em Aruanda.

*(cessam as batidas, senta-se o Preto Velho. Samael e Arcanjo Miguel voltam à vida)*

ARCANJO MIGUEL — Tomas guerra por dança, como o erro pela verdade.

SAMAEL — Negas isto. Contudo, baila comigo.

ARCANJO MIGUEL — Quando?

SAMAEL — Todo o Sempre.

ARCANJO MIGUEL — Pois teus olhos corrompidos enxergam o mundo ao avesso.

SAMAEL — Veja bem, nada há que não tenha sua contraparte diamétrica. Toda dança tem algo de guerra. Há rastros de vida em cada lápide e, olhando de perto, algo de cadáverico no rosto de cada mortal.

ARCANJO MIGUEL — Algo de bem no mal?

SAMAEL — E algo de putrefato em toda moral e bons costumes.

PRETO VELHO — Deixa disso, Exu.

*(Preto Velho fecha os olhos e cachimbeia)*



## Cena III

*O mesmo. Ao fundo, prantos e gargalhadas.*

ARCANJO MIGUEL — Arrependa-te, acusador.

*(cessam os prantos e gargalhadas, Preto Velho abre os olhos)*

SAMAEL — Proponha que arrependamo-nos, e o aceito de bom grado.

ARCANJO MIGUEL — Caíste por conta própria. Sozinho deves retornar ao Pai.

SAMAEL — Por acaso, sozinho ajo no mundo? Sozinhas movem-se as peças?

ARCANJO MIGUEL — Intercedo pelos homens, contrapondo-me às tuas investidas. Tivesses tu se mantido fiel, nada disso se faria necessário.

SAMAEL *(esperançoso)* — Pois tu, que permaneceste desde os primórdios no seio da divindade, avistara o próprio Criador em pessoa alguma vez? Dos milênios que perambulo por este mundo, dos desertos às ruínas, até hoje não conheci quem pudesse me descrever o rosto do próprio Pai. Tenho visto estátuas, ídolos, todos esculpidos por mãos humanas, mas nenhum rastro do Artesão Maior. Mas tu, que estive ao seu lado, conta-me de sua divina imagem! É imponente? Gentil? Piedoso? Como é o rosto dele?

ARCANJO MIGUEL *(relutante)* — Há mistérios que nem aos anjos é dado desvelar.

SAMAEL *(hostil)* — Não viste! Não viste! Como desconfiava! O próprio Arcanjo desconhece a Deus! Meu algoz é algoz de si, cativo em seu próprio Éden, órfão do único pai!

ARCANJO MIGUEL *(defensivo)* — Incrédulo, me acusa de tudo quanto és!

SAMAEL — Se sou, acuso a um espelho!

*(acidentalmente, Samael e Arcanjo Miguel espelham um ao outro em gesto e posição)*

## Cena IV

*O mesmo. Aruanda. Samael e Arcanjo Miguel imóveis e idênticos em gesto e posição. Entra Caboclo.*

CABOCLO — Mojubá!

*(sai Caboclo. Em uma única batida de atabaque, Samael e Arcanjo Miguel voltam à vida)*

ARCANJO MIGUEL (*hostil*) — O Pai é Inefável! Quem sou para reclamar sua presença?

SAMAEL (*hostil*) — Por temer seu não-comparecimento!

ARCANJO MIGUEL (*hostil*) — Pois sua luz te cegaria!

SAMAEL (*hostil*) — A luz que jamais vislumbraste!

ARCANJO MIGUEL (*ataca*) — Um rio que nega a foz em que se origina e desemboca!

SAMAEL (*defende*) — Uma catarata aberta cuja queda não reencontra correnteza! É isso o que somos. Natimortos, aqui estamos! Confrontando-nos e contrapondo-nos como sempre estivemos desde a aurora dos tempos, e como hemos de permanecer, girando a roda da vida, até que apaguem-se as luzes e fechem-se as cortinas do espetáculo sádico em que fomos trancafiados. Assistindo à velhice, à doença e à morte; às intrigas, às tramóias e às artimanhas; ao ciúme, ao poder e à vaidade. Tudo para que movam-se as peças! Quem joga este jogo que nos imola em perpétuo holocausto? A que narinas agrada o perfume de toda a carne queimada, de todo o sangue derramado, de todos os ossos amontoados? A que vista agrada a carcaça? Se a criação é real, é obra de um Deus mau. É por isso que à ela me opus! Sou eu quem intercede em favor dos homens, pelo cativo em que se encontram, para que, meio à dor e à selvageria, meio ao gemido e à sangria, entreguem-se e comam, bebam, riam e gozem antes que o Tempo lhes tome a beleza, que a Terra lhes reclame a carne, e que o Inferno lhes reivindique a alma.

*(ao fundo, dezenove batidas seguidas em borda de atabaque. Levanta e sai Preto Velho.)*

## ATO II

### Cena I

*Aruanda. No palco, permanece a cadeira do Preto Velho.*

ARCANJO MIGUEL — Disseram os homens que invejaste Deus. Soubessem eles o verdadeiro alvo de sua cobiça, jamais enrodilhariam-se em vossas teias.

SAMAEL (*curioso*) — Concebes teorias a meu respeito?

ARCANJO MIGUEL — Toda Criação, das pedras e plantas, do Átomo ao Arcanjo, pôs Deus em seu lugar. Traçou Deus o translado dos astros do Céu, as estações da Terra e o destino dos Anjos e Demônios. É esse seu Grande Engano. É esta a tua miséria. É o homem que invejas!

SAMAEL (*furioso*) — És, enfim, um prisioneiro!

ARCANJO MIGUEL — Tudo quanto há foi criado com propósito, com seu papel traçado na Criação, exceto o homem! Nós Somos antes de Existirmos, enquanto instrumentos da orquestra cósmica. Já os homens, o Maestro os fez como a si mesmo — infinitamente livres e responsáveis por seu próprio destino. São eles os músicos! Invejas a liberdade! Trocaste a sujeição espontânea e abnegada à ópera cósmica pela sentença eterna de castigo e fogo! Incapaz de sujeitar externamente os homens a ti, neles penetra internamente, subjugando-os de dentro para fora, pela vaidade e pelo orgulho!

*(Samael chega à beira do palco, grunhe e ruge, e faz isso mais três vezes)*

SAMAEL — Caminhaste comigo até aqui. Agora, já não posso dissimular minha suspeita.

ARCANJO MIGUEL (*enojado*) — Quando penso desvelar tua artimanha, me expõe a abismos ainda mais fundos e obscuros.

SAMAEL — Dos séculos que vagueio pelos quatro cantos do mundo, de tudo vi esculpido por mãos humanas.

ARCANJO MIGUEL — Como haveria de ser! Viste a obra daqueles à imagem e semelhança do Grande Arquiteto!

SAMAEL — O Homem existe antes de ser e constrói mundos à sua imagem.

ARCANJO MIGUEL — Assim temos visto, na Terra.

SAMAEL — Como não o temos, no Céu.

ARCANJO MIGUEL — Onde queres chegar, questionador?

SAMAEL — O Homem é algo estranho situado entre a besta selvagem e a angelitude. Meio a seus tantos impulsos e desejos contraditórios, vivem em guerra perpétua consigo mesmos.

ARCANJO MIGUEL — Entre a virtude e o vício, é claro.

SAMAEL — Não. Aliás, não apenas. Ou melhor, eu diria que só há um único e universal dilema. O mesmo em absolutamente todos os episódios da trágica condição humana — a hesitação entre bravura e covardia. Me acusaste de enganar os homens, mas confesso que te enganas a meu respeito. Não lembro de nada do que ocorrera antes da queda, mas, dentre os primeiros mortais, nenhum me marcou tão profundamente quanto Caim, o primeiro assassino. Enciumado de Deus e invejoso do próprio irmão, o apedrejara e deixara ali, agonizando aos seus pés. Caim nunca esteve sob minha influência e, diferente de nós, já tinha visto a própria face do Criador, assim dizem as escrituras. Caim desafiou a ordem do próprio Eterno, pecou contra toda a humanidade. Desafiou Deus e o Diabo, poderia ter sido banido para as últimas trevas, para todo o sempre. Depois de sua atrocidade, poderia ter se escondido ou fugido, como fizeram seus pais depois de seduzidos pela serpente. Contudo, quando questionado pelo próprio Criador, Caim declarou sua perversidade e a afirmou sem nenhum resquício de medo ou arrependimento! Tamanha sua bravura que nem Deus o condenou ao inferno, mas, ao invés disso, que vagasse eternamente pela Terra. Caim foi o primeiro homem mau. Desde então, me vejo encantado pela maldade dos homens. Vejo nela algo de valor inestimável. Admiro todos esses senhores de escravos, não mais, é claro, do que tu admiras teu próprio capataz. Tu os julga piores que o homem comum, mas gostaria de demonstrar o quanto está redondamente enganado. Os homens comuns, todos eles, sonham com seus próprios desejos e interesses, e invejam secretamente aos grandes e poderosos. É unicamente por sua fraqueza, mistura singular de preguiça e medo, que não realizam a selvageria. Querem poder e prazer mas, para buscá-los, teriam de se desmascarar e sair da mediocridade, o que não estão dispostos a fazer, precisamente, por covardia.

## Cena II

*O mesmo.*

ARCANJO MIGUEL — Tu vês bem no mal.

SAMAEL — Não me entenda mal. Não diminuo, em momento algum, os bons e valentes, os grandes de espírito! Falo apenas da bravura, a virtude universal, pois que todo grande homem, bom ou mau, é, antes de herói ou algoz, um bravo. Já a plebe, rebanho de vermes que se arrastam sobre a terra, são estes os miseráveis de vida, e também meu maior tormento.

ARCANJO MIGUEL — Que te atormenta nos homens que nada fazem?

SAMAEL — O pior. Esses são os piores de todos. Mesquinhos demais para o ato heroico, preguiçosos demais para afirmarem seu egoísmo. Ainda assim, homens. Absolutamente livres como todos os outros, e, ao mesmo tempo suficientemente medrosos a ponto de abdicar da responsabilidade de suas próprias almas e destinos. Esse é meu medo, Miguel. Entende agora? Desde nossa primeira luta, não vi Deus nenhum. Ele nunca falou comigo. Nem a serpente. Vi homens, apenas homens...

ARCANJO MIGUEL — Estás confuso e desorientado. O que estás tentando? Implorar trégua? Há milênios que nos enfrentamos pelas almas dos homens, e agora diz coisa com coisa.

SAMAEL (*avançando*) — Onde estão as escrituras, Miguel, onde elas estão?

ARCANJO MIGUEL (*retrocedendo*) — Nos livros sagrados, ora...

SAMAEL (*hostil*) — E esses livros, Miguel, quem os escreve?

ARCANJO MIGUEL (*retrocedendo*) — Profetas inspirados pelo Pai!

SAMAEL (*intimidando*) — Mas quem eram, Miguel, quem eram esses malditos profetas?

ARCANJO MIGUEL (*relutante*) — Homens, Samael...

## Cena III

*O mesmo.*

SAMAEL (*enfático*) — Eu descobri, Arcanjo. Desvendi o que somos — Quimeras. Fantasmagorias. Habitantes etéreos do reino dos sonhos e das paixões humanas. Bodes expiatórios. Cães de palha. Não é pela Vontade de Deus que esquecemos a Queda. É precisamente porque é desta, e não dele, que nos originamos. Forças do abismo, engrenagens do espírito, é isto o que somos. Desperta, Miguel! Tudo o que somos começa e termina no homem!

ARCANJO MIGUEL — Toda a especulação é vã, não há nada que possa fazer quanto a isso. Duvidas da existência de Deus, mas cá estamos, e isso é um fato, e, independente do que pense a respeito, é esta a nossa realidade.

SAMAEL (*sombrio*) — É isso o que tu chamas realidade? O tabuleiro sádico do qual participamos? Todas as jogadas, os sacrifícios; as trocas, os pactos; os trabalhos, as punições...

ARCANJO MIGUEL — Se Deus existe, há justiça, e tudo está absolvido.

SAMAEL — Não quero morrer, e também já não quero viver. Não quero estar nunca mais em nenhum lugar desta natureza. Somos forças gêmeas, girando a roda do tormento que os mortais tomam por benção. Pensei a respeito e tomei uma decisão irrevogável.

ARCANJO MIGUEL — Pois declara tua própria sentença.

(Samael, enraivecido, derruba a cadeira)

## ATO III

### Cena I

*Aruanda. Entra Preto Velho, ajeita a cadeira, senta e cachimbeia. Simultaneamente, em um gesto espelhado, caem no chão tridente e espada.*

SAMAEL — Por acaso, já paraste para observar uma vela cuja chama se extingue, como as tantas que para ti foram acesas? Já observaste a fumaça, como ela se esvai? A flama, como desaparece? Já escutaste o último hálito de um mortal, sua derradeira entrega? A maneira como os homens se agarram à vida, espremendo-a à última seiva, sorvendo da última gota, gargalhando ainda que apodreçam-lhe os dentes. É um mistério que não é dado ao meu entendimento. Depois da sucessão incessante de frustração e desapontamento, de todas as ilusões, da luta selvagem pela sobrevivência, ainda pensa, o homem, em ser eternamente acolhido nos braços do Criador. Quanto a mim, há absolutamente nada que eu almeje ou que valha o anseio. A única certeza meio a este vale de lágrimas — a morte — assombra o resto dos dias dos mortais e me permite vislumbrar, ainda que em um exercício especulativo, a absoluta liberdade contida em não-ser. Se existir é agrilhoar-se, então parto para a extinção. Saltarei no vazio e nele me encontrarei com o vasto nada que é a única coisa real.

ARCANJO MIGUEL (*desafiador*) — Não podes fazê-lo!

SAMAEL (*imponente*) — De certo, não posso morrer como um mortal. Mas agora que conheço a mim mesmo, e que me descobri uma fantasmagoria, uma quimera nos sonhos dos mortais, estou pronto para negar minha existência e desaparecer para sempre. E em um ultimato declaro — renuncio ao que sou! Renuncio a este mundo! Renuncio a mim!

*(apagam-se as luzes por três segundos e retornam)*

*(Arcanjo Miguel e Samael se ajoelham diante de Preto Velho)*

ARCANJO MIGUEL E SAMAEL (*de mãos dadas*) — Lembrei, vovô. Lembrei quem sou.

PRETO VELHO (*abençoa Arcanjo Miguel e Samael*) — Então vai com Deus, Exu.

*(apagam-se as luzes, saem Arcanjo Miguel e Samael, correndo no escuro com passos sonoros)*

## Cena II

*O mesmo. Entra Caboclo. Preto Velho cachimbeia.*

CABOCLO — Cadê Exú, vovô?

PRETO VELHO — Exu já foi, mizifi. Achô camin' divolta pra casa.

*(Preto Velho fecha os olhos e cachimbeia)*

CABOCLO — Faz silêncio em Aruanda.

*(apagam-se as luzes)*